

# O GORGULHO



**Boletim Informativo sobre Biodiversidade Agrícola**  
ano 1 . nº0 . Dezembro de 2004 . Distribuição gratuita

## **Ao Encontro da Semente**

No passado dia 9 e 10 de Outubro realizou-se no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra o primeiro encontro dedicado à biodiversidade agrícola à volta do tema da semente, reunindo agricultores, técnicos e consumidores, com mais de 150 pessoas presentes. Devido ao mau tempo que se fez sentir nesse fim de semana, a exposição de sementes, prevista inicialmente para o Pátio das Caducifólias, foi transferida para o interior do belo edifício de Botânica, onde se desenrolaram a maior parte dos trabalhos. Depressa se encheu o



vasto corredor com expositores vindos de lugares muito diversos, exibindo o que de melhor havia para mostrar, uma profusa mistura de formas, cores e texturas cobriam as bancadas, cheias de sementes, ora conhecidas e mais vulgares, ora autênticas relíquias, recuperadas e preservadas pelas mãos de quem lhes tem muita estima e veneração. A animação e o bulício no corredor, em volta das bancas de sementes excederam todas as expectativas previstas e ficámos ainda mais inspirados em prosseguir este trabalho tão urgente e necessário sobre as sementes autóctones e variedades regionais.

O programa era promissor, abarcando desde palestras e debates, oficinas práticas até à exposição e troca de sementes. Na parte das palestras pudemos contar com os excelentes oradores convidados, cada um debruçando-se sobre aspectos diferentes que o tema proporcionou. Não menos concorridas foram as oficinas práticas (tivemos mais de 100 inscritos para as duas sessões propostas), a cargo dos nossos amigos da Rede Andaluza de Sementes, cuja extensa equipa com larga experiência e grande profissionalismo abrilhantou as 5 partes em que se dividiam as

oficinas práticas, desde a colheita, limpeza e armazenamento de sementes. Nem o obstáculo do idioma fez desistir nenhum dos inscritos, tal era o interesse demonstrado.

Estamos pois muito gratos aquele grupo de homens e mulheres, que pelo seu espírito e nobreza de carácter neste trabalho incansável de protecção e defesa das sementes antigas, viajaram de Cádiz até Coimbra para nos incutirem a mesma paixão que os anima a defender a biodiversidade agrícola. Esperemos que um dia possamos retribuir da mesma forma calorosa com que eles se ocuparam das oficinas. Agradecemos também o trabalho rigoroso e profissional do nosso moderador, José Carlos Costa Ramos, que revelou uma paciência e atitude conciliadora infinitas.

Não poderemos, contudo terminar esta breve nota sobre o encontro, sem fazer uma grande vénia e agradecer profundamente a dedicação aos nossos brilhantes amigos da Tasquinha Milfoliada (Rita, Moab, Fernando e restantes colaboradores), que durante dois dias seguidos na cozinha, trabalharam afincadamente de uma forma voluntária e bem disposta para consolar os estômagos de todos os participantes com deliciosos e originais pratos vegetarianos e biológicos de que constava a ementa.

A última palavra de apreço vai indubitavelmente para todos os esforçados agricultores e produtores (Casa de Valbom – José Maria Carvalho Neto, Cooperativa Terra de Vida no Monte do Carvalheiro, Elichristi – José Manuel Costa, Fernando Agostinho em Alpiarça, Jorge Ribeiro de Almendra, Quinta do Olival – José Miguel Fonseca) que de forma espontânea e desinteressada apoiaram o encontro oferecendo o que de melhor as suas quintas produzem, com legumes, cereais, tofu, seitan, frutos, azeite, pão, sumos, enfim um longo rol de iguarias de excelente qualidade de produção biológica, absolutamente indispensáveis num encontro desta natureza. A todos, e em nome da protecção de um património genético agrícola ímpar que temos para defender, um **GRANDE OBRIGADO!**



## **O propósito e a proposta do Encontro de Sementes**

Para assegurar a continuidade da nossa biodiversidade alimentar e independência agrícola propomos que todos os agricultores e hortelãos semeiem, colham e distribuam as sementes da nossa herança genética agrícola. Nós comprometemo-nos, dentro das nossas possibilidades, a ajudá-los nesse trabalho. Não temos por objectivo o lucro ou o

monopólio das sementes mas sim a difusão, o mais abrangente possível, de todas as sementes que em nós são confiadas. Precisamos de dadores mas também de receptores para que este trabalho de manter uma rede viva de sementes tenha sentido e continuidade. Por outro lado esperamos também ideias, sugestões, contributos que possam enriquecer, e se possível concretizar, os nossos objectivos em auxílio das sementes.

Deixamos aqui os nossos contactos para que a rede aumente os seus laços e possa cobrir este imenso Portugal:

José Miguel Fonseca (tel. 236622218), Ricardo Paredes (tel. 239081364) e José Pedro Raposo (tel. 284732247)



## **Nem todos os feijões chegaram das Américas...**

---

Por quanto se possam relacionar a espécies ancestrais, estas leguminosas de inegável valor proteico, designam-se em dois grandes grupos: o género *Vigna* e o *Phaseolus L.*, este de origem centro-sul Americana, aquele de ascendência Afro-Asiática-Europeia.

O feijão comum (*Phaseolus L.*) é de grande variabilidade genética, bem comprovada ainda nas nossas hortas e mercados; os do género *Vigna*, aos que a cultura popular soube diferenciar denominando-os de feijões-frade, feijões de duas caras, ou ainda de chícharos, como são referidos nas Beiras-Alta Serrana e Transmontana e em Trás-os-Montes, lavradores onde nem são, e muito justamente, considerados feijões, ao invés ocorrem aparentando-se em escassas variedades. Tal ocorrência não é mais de que um empobrecimento decorrente dos tempos, que os nossos dias trouxeram dos alfobres e sementeiras dos antigos não mais que uma pequena amostra do que outrora se cultivava.

Para muitos agricultores, o *Vigna*, tornou-se um feijão preterido nos feijoais; vindo tal desuso acentuando uma séria ameaça à preservação de uma variabilidade muito rica de agro-tipos (ou ecotipos). Este género define-nos cerca de 80 espécies, das quais muitas foram trazidas e multiplicadas na lavoura em terras da bacia mediterrânica.

Deste relatos, para a contemporaneidade de hoje, assistimos e manuseamos ainda pelo menos uma destas espécies, o *Vigna unguiculata*, vulgarmente denominado feijão-frade. A sua ancestralidade

é a África Austral, onde na Nigéria lhe terá sido encontrado o parentesco originário, razão pela qual, por via dos tempos e do espaço, para que este género fosse de entre todos os feijões o mais difundido. Estando ligado aos alvares da agricultura, na Mesopotâmia, ao passo que o género *Phaseolus* L. ficou confinado a povos de menos gente, e por mais tempo em terras centro e sul-americanas, transformando-se a sua profusão, desde as trocas com tais gentes numa grande e veloz epopeia. Desde então, que os ecos da modernidade do rentável, atribuíram a este género último, que pode frutificar até ao dobro por igual área do que os *Vigna* e no qual as espécies são de maiores grãos, uma maior importância em áreas de cultivo.

O género *Vigna* é caracterizado por um distinguível "olho" ou "cara", o hilo, de cor variável num grão miúdo de formas arredondadas e tabulares, biselados por uma quilha mais ou menos acentuada, que evidencia a união dos dois cotilédones. Estes distintos hilíferos, têm vagens finas, roliças e compridas, que na variedade *V. unguiculata* var. *sesquipedalis*, ou feijão-de-metro, que diz bem do comprimento das suas vagens, podem medir mais de 0,5m, nesta variedade são trepadoras, hábito de crescimento este raro entre os *V. unguiculata*. Desta variedade, domesticada desde a Ásia, importa dizer que tem uma floração tardia e está associada a um clima tropical de temperaturas quentes, está bem adaptada em Trás-os-Montes onde em raras hortas de regadio é cultivado trepando gentia em estacaria alta. Uma marca no cultivo deste género é a sua rusticidade, demonstrativa da longínqua presença e adaptabilidade climática às nossas terras. É em sequeiro que ainda se faz nas maiores courelas em agricultura de subsistência onde é recurso também para forragens em tempos de estio a par com o sorgo e milheiradas, emprestando tonalidades verdejantes a montes de verão ainda que pouco chuvosos.



Descrevendo alguns ecotipos de *V. unguiculata*, ainda que os nomes se percam, numa vã memória que mais está para coisas que para nomes, é possível tomar o pulso a uma mão rara de variedades. Refugiadas, por teimosia daqueles que as lançam à terra ano após ano, estas variedades como o Carica ou Frade-colorido, cultivado no sopé de serranias minhotas como em Terras-de-Bouro, miúdo de cor castanha-clara que cobre todo o feijão com o hilo de traço fino com cicatriz de laivos verdes; ou o feijão-arroz, pela sua forma pequena e tonalidade alba homogénea também com leve tom verde num quase desapercibido hilo, é ainda cultivado esparsamente no nordeste alentejano; ou o feijão frade, de cara-castanha, o vulgar ou o chicharo nos quais o hilo tem nestes formas de diadema, e de auréola de contornos esbatidos no primeiro, com cores castanhas claras, pretas e castanhas-escuras respectivamente. Estes últimos já menos enclausurados fazem parte de campanhas de sementeiras quase sempre para economias caseiras desde terras do Gerês, maciços transmontanos às faldas das serranias beirãs.

São atributos como estes que as espécies do género *Vignia* aportam para a biodiversidade agrícola, prestigiando o árduo labor com que as civilizações e os povoados agrícolas foram pondo ao sabor da astúcia e do saber a domesticação e o apuramento de variedades locais, que as distinguem em maiores valores nutritivos, organolépticos, e culturais.

Não importa por tal, que desta notícia saia uma só descrição senão no seu termo dar ênfase à continuidade e ao retomar destas sementes.



## **A amêndoa do Douro**

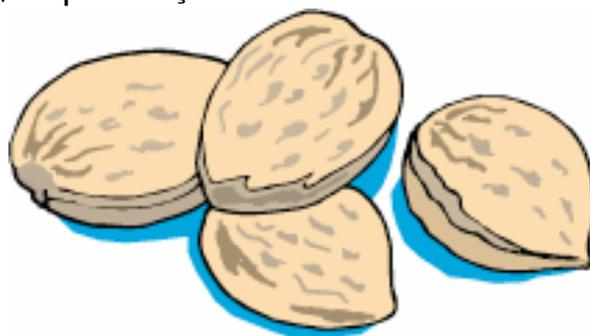
---

A amêndoa do Douro é reconhecida pela UE como um produto de qualidade, e no entanto, ela tem vindo a desaparecer, quer no mercado, por ser absorvida por intermediários que a misturam com amêndoa vinda de Espanha e da Califórnia, quer nos campos... Isto porque os amendoais tradicionais têm vindo a ser rapidamente substituídos por vinhas, ou quando algum projecto de plantação de novos amendoais é aprovado pelo Ministério de Agricultura Pescas e Floresta (MAPF), só poderá ser com as novas variedades, normalmente híbridos da Califórnia.

No caso de Almendra, em Vila Nova de Foz Côa, que é das regiões do país mais ricas em amêndoa, é notório a quantidade de amendoais que

têm sido arrancados, com o falso argumento de que os amendoais não são rentáveis para o produtor. Digo falso, porque não se discute sequer o problema da comercialização para poder fazer uma afirmação daquelas.

Ao mesmo tempo, dão-se subsídios para a plantação de vinha, isto porque as grandes companhias vinícolas se vão instalando cada vez mais, conseguindo deste modo monopolizar a região para a produção de vinho, não levando em conta os prejuízos ambientais que esta mudança de cultura provoca, pois como sabemos, a produção de vinha intensiva é feita de constantes tratamentos químicos, fazendo com que uma região que historicamente tem vivido da amêndoa e da azeitona seja agora transformada em centenas de hectares de vinha. E aqui chegamos também às implicações sociais e económicas deste desastre anunciado.



No alerta que aqui faço em defesa das amendoeiras tradicionais, para que não se percam as variedades antigas da amêndoa do Douro, está implícito um problema de ordem política, pois que foi iniciado um processo de desinformação sobre as vantagens para o produtor em mudar as culturas ancestrais, isto porque os lóbis, interessados na produção de vinho, conseguem pressionar o MAPF de forma a iludir os pequenos produtores para plantarem vinha, e assim conseguirem ampliar o seu campo de acção. O poder político tem sido insensível aos problemas dos pequenos agricultores, empurrando-os para as mãos dos senhores do dinheiro, deixando-os desprotegidos e totalmente dependentes das grandes companhias vinícolas. Devo acrescentar também que um amendoal ou olival, demoram dezenas de anos para atingir a plena produção, enquanto que um pé de vinha apenas precisa de 2 ou 3 anos.

Resta-nos o espírito crítico e a participação activa na denúncia dos casos mais gritantes, que põem em causa a sobrevivência das espécies e do ser humano enquanto tal. Hoje em dia sabemos dos perigos que ameaçam a Natureza em geral e muitas espécies em particular - minerais, vegetais e animais... É pois urgente a tomada de consciência da opinião pública sobre a protecção das espécies. É necessário mudar o comportamento humano, parar de violentar a Natureza, amar a Terra, gratificar e respeitar todas as espécies que partilham connosco este planeta, nesta vida passageira...



## Frase sobre os perigos que correm as nossas sementes

### ***"Os transgénicos são a maré negra da Agricultura"***

*Fernando Morgado, Ferreira do Alentejo*

#### **Comentários do Gorgulho**

São piores! Se ao menos a poluição genética fosse tão fácil de limpar como a poluição química do crude não haveria razão para tanta preocupação. Só que, neste caso estamos a falar de contaminação irreversível, sem controle, sem licença e, sobretudo, sem a nossa autorização, enquanto cidadãos preocupados com um mundo cada vez ameaçado. Estejamos atentos porque, em Portugal, já na próxima sementeira de Março os nossos campos poderão receber milho geneticamente modificado. Não podemos nem devemos cruzar os braços, o momento é de acção e de protesto! Junto de todos, com todos, contra os senhores das sementes transgénicas, ladrões da nossa biodiversidade alimentar e independência agrícola.

#### **O que podemos fazer?**



Apoiar a **Plataforma Transgénicos Fora do Prato**, Apartado 5052, 4018-001 PORTO, Telefax 229 759 592, info@stopogm.net www.stopogm.net



Aderir ao abaixo-assinado a favor da regulamentação, transparência e responsabilidade de plantas transgénicas disponível em [www.naturlink.pt](http://www.naturlink.pt)



No seu concelho de residência contactar os vereadores camarários no sentido de declararem todo o município como livre de transgénicos, ou seja, uma região protegida onde os cultivos transgénicos não são bem vindos.



Aderir à lista electrónica portuguesa sobre transgénicos: basta enviar um e-mail vazio para [ogm\\_pt-subscribe@yahoogroups.com.br](mailto:ogm_pt-subscribe@yahoogroups.com.br)



Questionar directamente as entidades políticas e partidárias sobre a sua posição nesta matéria. Pedir que tomem uma atitude firme contra o cultivo e comercialização de transgénicos em Portugal. Aqui estão alguns contactos possíveis:

**Ministério da Agricultura** – Praça do Comércio, 1149-010 LISBOA

**Ministério do Ambiente** – Rua da Horta Seca 15, 1200 – 221 LISBOA

**Ministério da Saúde** – Avenida João Crisóstomo9, 1049 – 062 LISBOA

**Instituto do Consumidor** – Praça Duque de Saldanha 31-5, 1069 – 013 LISBOA

**Agência de Segurança Alimentar** – Rua Elias Garcia 30,2704 – 507 Venda Nova

*O Gorgulho / Plataforma Transgénicos Fora do Prato*

## Crónicas de Viagens I – Visita à Aldeia do Roxo (Lorvão)

A meros 11 km a Norte de Coimbra visitámos em Agosto passado, e depois disso mais vezes, a Aldeia do Roxo, situada no cume de um monte com soberbas vistas panorâmicas: para poente a Serra da Boa Viagem junto ao mar, a nordeste a Serra da Estrela e a sul a Serra da Lousã. Devido ao seu isolamento geográfico e a um microclima muito próprio, têm conseguido, os habitantes do Roxo, manter uma bela diversidade de espécies agrícolas e práticas culturais excepcionais.

No primeiro café da aldeia encontrámos o Sr. José Santos, que para nossa sorte, era um agricultor e grande conhecedor das práticas e variedades aí existentes. Levou-nos num roteiro guiado pela aldeia, mostrando-nos os seus belos campos de terras bem amanhadas e com uma diversidade já rara, hoje em dia. Fomos ter a casa de umas suas parentes, a D. Zélia e a sua mãe D. Ezília que nos comunicaram que desde sempre semeavam um milho branco de sequeiro, e um trigo que herdaram dos seus avós, cujo nome desconheciam. Ficámos de voltar para obtenção de alguma semente e eventualmente colher mais pormenores sobre esse trigo.

A cultura de milho estava associada à abóbora porqueira e ao feijão anão, que é muito prolífero, de grão vermelho, bom para comer em vagem que dá pelo nome de Podão. Temos de frisar que todas estas culturas são de sequeiro e constituem um exemplo notável da possibilidade de tal prática, de acordo com a escolha das variedades adequadas, hoje em dia tão em desuso.

\*  
\*\*

### FICHA TÉCNICA

Ao Encontro da Semente ..... *Fátima Teixeira e José Miguel Fonseca*

Nem todos os Feijões vieram das Américas..... *Ricardo Paredes*

A amêndoa do Douro ..... *Jorge Ribeiro*

Crónicas de Viagem ..... *José Miguel Fonseca*

**Colaboradores:** Fátima Teixeira, Fernando Morgado, José Miguel Fonseca, Jorge Ribeiro, Mafalda Costa, Ricardo Paredes

**Ilustrações:** Flor-sementes – José Miguel Fonseca, Feijões frades - Ricardo Paredes

**Grafismo:** Fátima Teixeira      **Contactos:** 236622218 ou fcteixeira@esb.ucp.pt

Colaborações são bem vindas! Faça-nos chegar o seu texto.

© 2004 Os artigos constantes neste boletim podem ser usados desde que os seus autores sejam referidos.

